

BATUÍRA

Antônio Gonçalves da Silva, o Batuíra, nasceu em Portugal em 19 de Março de 1839. Filho de camponeses humildes, apenas completou a instrução primária.

Veio para o Brasil como imigrante, com 11 anos de idade, chegando na cidade do Rio de Janeiro em 3 de Janeiro de 1850.

Durante 3 anos, trabalhou no comércio da cidade do Rio. Daí, mudou-se para Campinas, Estado de São Paulo, onde permaneceu por algum tempo, até que se transferiu para São Paulo, capital, onde começou a trabalhar como distribuidor do jornal “*Correio Paulistano*”. Muito diligente e ativo, sempre correndo daqui para ali, foi apelidado de “Batuíra,” nome de uma ave muito ligeira, de vôo rápido.

Trabalhando no “*Correio Paulistano*”, familiarizou-se com a arte tipográfica e foi influenciado pelas idéias abolicionistas e republicanas, veiculadas pelo jornal, que tinham como expoentes, entre outros, José do Patrocínio, Luís Gama e Rui Barbosa. Neste período, Batuíra chegou a fundar um jornalzinho para colaborar na campanha abolicionista.

Perseverando na sua faina de trabalho, com as economias que havia feito, passou a fabricante de charutos e depois a empreendedor do ramo imobiliário, no Bairro do Lavapés, em São Paulo.

Batuíra veio conhecer o Espiritismo e tornar-se espírita pelo embate da dor. Já tinha perdido, embora em períodos diferentes, sua primeira esposa, Brandina, e o filho que com ela tivera, quando veio a falecer, repentinamente, com doze anos de idade, seu segundo filho, do segundo casamento.

Este golpe abalou profundamente Batuíra e sua segunda esposa, Maria das Dores, que só vieram a encontrar apoio e esclarecimento para a dor que sofriam na Doutrina Espírita.

Tão grande foi a paz, a confiança e a esperança que o Espiritismo lhe infundiu, que em pouco tempo lá estava ele colocando mãos à obra.

No novo campo de trabalho que lhe era descortinado, sua alma que trazia os mais nobres sentimentos de respeito e fraternidade ao próximo, encontra amplos horizontes de realizações.

Na grande epidemia de varíola de 1873 e 1875, Batuíra transformou a própria casa em abrigo para os doentes desamparados, tratando-os com remédios homeopáticos, passes magnéticos e água fluidificada. Não perdeu um só doente.

Em 1890, na Rua do Lavapés, hoje Rua Espírita, restabeleceu o Grupo Espírita “*Verdade e Luz*,” que estava desativado. Aí iniciou uma série de palestras sobre “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*”, para uma numerosa platéia de frequentadores.

Sentindo a necessidade de um órgão de divulgação do Evangelho de Jesus à luz da Doutrina Espírita, Batuíra adquiriu uma pequena tipografia, e, em 20 de Maio de 1890 publicou o primeiro número do periódico “*Luz e Verdade*”, de 4 páginas, pelo qual foi responsável até o seu desencarne.

Em meados de 1904, cerca de 11 mil exemplares do “*Luz e Verdade*” circulavam em quase todos os Estados do Brasil. Batuíra, além do jornal, distribuía livros espíritas para diversas partes do país, cujos custos, principalmente do jornal, eram por ele bancados.

Sua atuação na divulgação da Doutrina Espírita, não se restringia a São Paulo, mas se estendia para outros Estados, como Minas Gerais e Rio de Janeiro, onde criou e estimulou a fundação de Grupos e Centros Espíritas. Fez muitas conferências sobre diversos temas doutrinários em muitas cidades de vários Estados, ocasiões em que, além da divulgação doutrinária falada e escrita, visitava e atendia os enfermos através da homeopatia, passes magnéticos e água fluidificada, pois ele era médium curador.

Conta-se que certa vez, Batuíra recebeu no Grupo Espírita “*Verdade e Luz*”, a visita de um amigo, ilustre médico higienista e Deputado Federal do Rio de Janeiro, que, a certa altura da conversação, disse que ele, Batuíra, precisava precaver-se mais; pois, embora não sendo espírita, admirava-lhe a sinceridade, mas que tinha ouvido lamentáveis opiniões a respeito dele. Diziam que se escondia sob o manto de médium para explorar a bolsa pública; que estava rico porque enganava os incautos e que se isolava com mulheres em gabinetes para Seduzi-las em nome da prece. E concluiu: *Tudo é calúnia, bem sei...*

Sereno, pergunta Batuíra: *E que sugere o senhor?* E o amigo responde: *É importante que você se abstenha do Espiritismo...*

Batuíra cofiou as longas barbas brancas e disse: *O senhor é médico e muito tem nos ajudado na extinção da febre amarela e da varíola em S. Paulo. Já vi o senhor tocar as feridas de muita gente. Os enfermos vomitam lama em forma de sangue, mas o senhor lhes dedica a melhor atenção. Nunca vi o senhor se desanimar. Pelo fato de encontrar tanta podridão nos corpos, o senhor desistiria da Medicina?*

O médico e Deputado sorriu e afirmou: *Você tem razão... Esquecia-me de que há podridão também nas almas. Vamos continuar.*⁽¹⁾

Batuíra era assim, um homem de fé sincera e inabalável. Deixou marcas inapagáveis na implementação do Espiritismo nos seus primeiros tempos em terras brasileiras. Foi um batalhador da divulgação doutrinária, fazendo reviver, na plenitude de seu significado, principalmente pelos atos, as lições do Evangelho de Jesus.

Desencarnou em São Paulo, capital, e foi enterrado no Cemitério da Consolação em 22 de Janeiro de 1909.

Fontes:

(1) Almas em Desfile: Lição 26 – Hilário Silva/F.C. Xavier e W. Vieira.

(2) Grandes Espíritas do Brasil: Zeus Wantuil